

Informativo da Divisão de

Acervo Histórico

ano IV – nº 18 – maio/junho de 2018

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

REVOLUÇÃO DE 1932 • DISCURSOS DOS DEPUTADOS EM 1952 SOBRE A REVOLUÇÃO •



• O COTIDIANO DA REVOLUÇÃO MOSTRADO POR FOTOS, CARTAS E JORNAIS DE ÉPOCA

• **BIOGRAFIA** DE CARLOS DE SOUZA NAZARETH •

EDITORIAL



A presente edição do **Informativo do Acervo Histórico** aborda a Revolução Constitucionalista de 1932.

Desde 1962 a Assembleia Legislativa concede aos ex-combatentes a Medalha da Constituição. Para solicitar essa medalha, os voluntários deveriam apresentar documentos comprobatórios de sua participação em 1932. Atualmente esse material está sob a guarda do Acervo Histórico da Assembleia Legislativa. Na seção **Documento em Foco** selecionamos alguns desses documentos, que nos permitem ver um pouco do dia a dia da revolução, com descrições das batalhas e do cotidiano das trincheiras, fotos de mulheres e crianças que se alistaram e cartas enviadas pelos voluntários a parentes.

A coluna **Na Tribuna** traz os discursos dos deputados da Assembleia Legislativa durante as comemorações do vigésimo aniversário da revolta, em 1952.

Trazemos, em **Compromisso com a Memória**, um breve histórico de Carlos de Souza Nazareth, deputado estadual entre 1935 e 1936 e presidente da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) durante a Revolução de 1932. A ACSP incentivou os voluntários da guerra paulista, angariou fundos com a campanha Ouro para o Bem de São Paulo, organizou o setor de abastecimento das tropas, o correio militar, entre outras ações.

A nova sessão **Fotos do Acervo** traz imagens custodiadas pela Divisão de Acervo Histórico das comemorações realizadas no monumento-mausoléu em 1956 e 1957 a respeito da Revolução de 1932.

Boa leitura!

Expediente

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

Presidente: Cauê Macris

1º Secretário: Luiz Fernando T. Ferreira

2º Secretário: Estevam Galvão

Secretário Geral Parlamentar

Rodrigo Del Nero

Secretário Geral de Administração

Joel José Pinto de Oliveira

Departamento de Documentação e Informação

Daniel Ranieri Costa

Divisão de Acervo Histórico

Mônica Cristina Araujo Lima Horta

Coordenação editorial

Maurícia Figueira

Projeto gráfico, diagramação e impressão

Jair Pires de Borba Junior (Gráfica da Alesp)

Textos

Mônica Cristina Araujo Lima Horta; Maurícia Figueira;

Silmara de Oliveira Lauar

Colaboradores

Françoise Evelyne Aron; Karin Araújo

Revisão

Dainis Karepovs

Estagiários

Matheus Matos; Vinicius Mizumoto Mega;

Grazieli Bergamini de Melo; Marcos de S. Silva Jr.

Imagem da capa

Documento original anexado ao processo do voluntário Reynaldo de Oliveira na Comissão da Medalha – Cartaz enviado pelo MMDC às famílias dos combatentes

Telefones: (11) 3886-6308/6309

E-mail: acervo@al.sp.gov.br

Site: www.al.sp.gov.br/acervo-historico

Tiragem: 300 exemplares

COMPROMISSO COM A MEMÓRIA

Deputado Carlos de Souza Nazareth

Em **Compromisso com a Memória**, rendemos homenagem a uma personalidade cuja participação no Movimento de 32 merece destaque, o deputado estadual Carlos de Souza Nazareth.

Em 10 de fevereiro de 1932, Souza Nazareth, com apenas 33 anos, assumiu a presidência da Associação Comercial de São Paulo (ACSP). Colocou a ACSP a serviço da causa, trabalhando na mobilização da população, na arrecadação de recursos, no alistamento de voluntários e na organização do apoio logístico ao exército paulista.

Com o fim do Movimento foi preso e deportado para Portugal, na companhia de outros líderes paulistas, regressando ao Brasil somente dois anos depois.

Antes de partir para o exílio, Souza Nazareth enviou telegrama aos seus companheiros da Associação Comercial, concluindo sua mensagem com uma exortação, que até hoje norteia a atuação da entidade: “Não esmorecer para não desmerecer”.

Em 1934 foi eleito deputado estadual pelo Partido Constitucionalista, com 224.423 votos, tendo integrado a Comissão de Finanças e Orçamento, como membro efetivo.

Breve registro pessoal

Carlos de Souza Nazareth nasceu em São Paulo, no dia 30 de janeiro de 1899. Filho de Miguel Romão de Souza Nazareth – um imigrante português, que gozava de grande prestígio no meio comercial e social de São Paulo – e de Herminda Cruz Nazareth.

Bacharelou-se, em 1913, em Ciências e Letras no Ginásio Anglo-Brasileiro, sendo contemporâneo de Adhemar de Barros, que, mais tarde, viria a ser prefeito da Capital e governador do Estado.

Casou-se com Lucy Assis Moura Nazareth, com quem teve um único filho, Roberto.

Empresário, Souza Nazareth foi presidente da Junta Comercial de São Paulo, da Companhia Paulista de Armazéns Gerais do Estado, da Bolsa de Mercadoria, do Clube Atlético Bandeirante e da Associação Comercial de São Paulo.

Faleceu em 28 de março de 1951, aos 52 anos. Seus restos mortais estão depositados no Obelisco do Ibirapuera, mausoléu construído em homenagem aos mártires da Revolução de 32.

O legado histórico

Em 1932, a Associação Comercial de São Paulo participou, com as demais lideranças paulistas, dos diálogos com o governo de Getúlio Vargas. Diante da impossibilidade de acordo, a ACSP, tendo à frente seu 18º presidente, Carlos de Souza Nazareth, engajou-se na campanha pela defesa da Constituinte, que culminou na deflagração do Movimento.

Em decorrência dessa efetiva participação, em 23 de maio de 1932, publicou em seu *Boletim* um manifesto convidando o comércio a paralisar suas atividades a partir das 14 horas:¹

Expressando sentimentos gerais contra as proteções infundáveis da solução do premente caso de São Paulo, a Associação Comercial de São Paulo convoca o comércio a fechar suas portas e a suspender as suas transações por 24 horas, a partir das 14 horas de hoje, se até este momento não tiverem sido satisfeitas as legítimas aspirações do povo paulista.

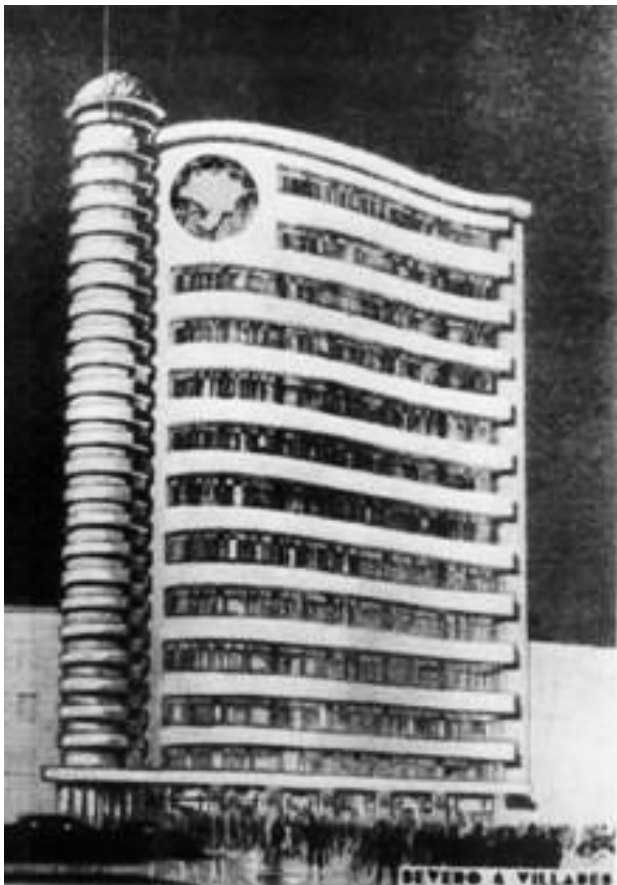
O comércio parou, mas o governo não cedeu.

Às 23:40 de 9 de julho, decidido o levante, o coronel Figueiredo, acompanhado por um grupo reduzido de militares e líderes civis, entre eles Souza Nazareth, invadiu e tomou o quartel da Região Militar, iniciando os combates.

Em 9 de julho, portanto, começou a rebelião armada, proclamada pelo ex-governador paulista Júlio Prestes e pelo interventor federal Pedro de Toledo, que aderiu à campanha constitucionalista.

Deflagrado o Movimento, a ACSP arrecadou donativos e organizou o fornecimento de suprimentos e de material militar aos combatentes.

¹ In: Digesto Econômico, julho 2003, p. 39



Prédio "Ouro para o bem de São Paulo. Largo da Misericórdia – Capital
À direita, detalhe da placa interna do prédio.



Após reunião como o secretário da Fazenda do Estado, Dr. Paulo de Moraes Barros, ficou definido que a ACSP seria responsável pelo controle da receita e despesa do Movimento e da prestação de contas junto ao Tesouro, tornando-se o elo entre o governo e as associações de classe.

Para dar suporte às suas ações, foram criados departamentos com vistas à captação de donativos em dinheiro, mercadorias e serviços. Também foi estabelecida uma central, responsável pelo controle dos empréstimos oferecidos.

Os relatos históricos demonstram que a ACSP, sob a presidência de Carlos de Souza Nazareth, também organizou a assistência para as famílias dos combatentes, fornecendo alimentos e remédios que eram doados pela população.

Em 12 de julho, Carlos de Souza Nazareth fez uma convocação pública pela Rádio Educadora, solicitando que os comerciantes e industriais mantivessem suas atividades, conservando o preço das mercadorias para não criar dificuldades para a

população. Rogava, ainda, que fossem preservados os empregos e os salários dos empregados e aos operários que se alistassem como soldados.²

Os estabelecimentos que aderiram ao movimento ostentaram nas suas fachadas cartazes com o seguinte teor: “Todos os nossos empregados alistados no Exército Constituinte têm assegurados os seus lugares e garantidos os seus ordenados integrais durante o tempo da incorporação.”³

A aquisição de capacetes de aço para garantir a integridade física dos combatentes foi alvo das operações da ACSP em conjunto com empresas paulistas, que concentraram esforços para levantar recursos por meio da venda dos distintivos “Pela Lei e Pela Ordem”, assim como para a fabricação dos próprios capacetes. Em menos de dois dias dez mil capacetes foram remetidos para as linhas de frente.⁴

Campanha do Ouro para o bem de São Paulo

Organizada pela Associação Comercial de São Paulo, a Campanha do Ouro para o Bem de São ou Ouro Para a Vitória, tinha o intuito de arrecadar fundos para o financiamento do movimento revolucionário.

Compunham a comissão encarregada da campanha: Carlos de Souza Nazaré, José Maria Whitaker, Numa de Oliveira, Vicente da Almeida Prado, Monsenhor Gastão Liberal Pinto, Erasmo de Assumpção e Gastão Vidigal, todos integrantes da diretoria da ACSP.

2 O Estado de São Paulo, 13 de julho de 1932 apud Digesto Econômico. Edição de Junho/Julho de 2014. Associação Comercial de São Paulo

3 O Estado de São Paulo, 12 de agosto de 1932 e in: Digesto Econômico, julho, 2003, p. 19

4 O Estado de São Paulo, edições de 2, 3, e 4 de agosto de 1932

A campanha conclamava os paulistas a doarem objetos de ouro, bem como joias e outros objetos de valor que pudessem financiar a luta contra o governo provisório de Getúlio Vargas. A iniciativa, assim como tantas outras durante a Revolução, se espelhava em campanha semelhante feita pelos franceses durante a I Guerra Mundial.

Casais doaram suas alianças, médicos e advogados seus anéis de formatura, jovens desportistas as suas medalhas. Na capital e no interior recebiam-se ainda todo e qualquer tipo de objeto de ouro como canetas, vasos, cigarreiras.

Para as alianças de casamento e anéis de formatura entregues, dado o valor sentimental dessas joias, em troca recebiam os doadores anéis de latão, de valor simbólico, com a inscrição “Dei Ouro para o bem de São Paulo” acompanhado ou não de um diploma.

No entanto, os esforços revelaram-se insuficientes para levar a bom término os desígnios do Movimento. O número de mortes cresceu nos embates que se seguiram até 2 de outubro, quando as tropas paulistas foram derrotadas pelo general Pedro Aurélio de Góis Monteiro.

O governo, reunido com os comandantes militares e representantes das associações comerciais, chegou à conclusão de que não havia mais condições de continuidade do confronto. Depois de negociações envolvendo a anistia aos rebeldes e facilidades para o exílio dos líderes civis e militares do movimento, os paulistas anunciam sua rendição em 3 de outubro de 1932.

Com o fim do movimento armado de 1932, a comissão organizadora da campanha decidiu doar à Santa Casa de Misericórdia o que havia restado desse tesouro popular, que, de posse desse recurso, construiu um prédio no Largo da Misericórdia, na cidade de São Paulo.

Um concurso foi criado em 1935 para eleger o projeto para o edifício. O projeto vencedor foi o apresentado pelo escritório de arquitetura Severo e Villares, sucessor de Ramos de Azevedo e reproduz a bandeira paulista tremulando.

O edifício, localizado na Rua Álvares Penteado no 23, recebeu o nome de “Ouro para o bem de

São Paulo”. É um dos maiores símbolos da guerra dos paulistas. Possui 13 andares, que representam as 13 listras da bandeira paulista e seu mastro, expressando as alianças doadas, foi decorado com um capacete constitucionalista.

A escolha da Santa Casa foi feita com base em toda a ajuda que os combatentes receberam da instituição durante as batalhas. Era o hospital oficial da Revolução.

Colar “Carlos de Souza Nazareth”

O Colar “Carlos de Souza Nazareth” foi criado em 2002, pela Associação Comercial de São Paulo, por iniciativa de seu Conselho Cívico e Cultural, em homenagem ao presidente da Associação Comercial de São Paulo à época da Revolução de 32.

A láurea foi oficializada pelo Governo do Estado de São Paulo, pelo Decreto 48.033, de 19 de agosto de 2003. Desde então, vem sendo outorgada às personalidades brasileiras e estrangeiras que, por seus méritos pessoais e relevantes serviços prestados a tudo quanto diz respeito à cidadania, tenham-se tornado dignas de público reconhecimento.

Carlos de Souza Nazareth em Plenário

Em discurso proferido na 80ª Sessão Ordinária, em 15 de outubro de 1936, o deputado Romão Gomes ressalta a importância da atuação da Associação Comercial de São Paulo, então presidida por Carlos de Souza Nazareth, em favor do Movimento Constitucionalista de 1932.

O SR. ROMÃO GOMES – PARTIDO CONSTITUCIONALISTA

– Nos pródromos da revolução de 1932 – a 23 de maio – por iniciativa da Associação Comercial, foi fechado todo o comércio. Esta medida foi, sem dúvida, de largo alcance, pois veio a fornecer a matéria-prima para se fazer aquele movimento de opinião que no momento se verificou. (...)

Mas, sr. presidente, outros serviços de relevância prestou essa Associação durante os dias da luta. O seu trabalho foi tão intenso e, em alguns departamentos, tão perfeito que, estou certo,

poderia servir de modelo aos melhores estados-maiores de tropas regulares.

Entre outros, posso citar o Departamento de Compras, que visava não só o abastecimento das tropas, mas a aquisição de material necessário, de metais para a fabricação de munições e cartuchos. (...) Organizou-se ainda alojamento para as tropas; a assistência geral auxiliava não somente os que estavam em luta, mas as famílias dos combatentes. (...) Criaram-se também oficinas para a confecção de roupas e fardamentos para os combatentes. (...)

De fato, nosso prezado ex-companheiro, sr. Carlos de Souza Nazareth, era presidente da Associação Comercial naquela ocasião, e todos nós sabemos que S. Exa. se desdobrou em trabalhos dos mais profícuos em favor da nossa causa. (...) Organizaram-se também as delegacias técnicas, que prestaram relevantíssimos serviços durante a campanha de 32, bem como vários hospitais de sangue e um corpo de policiais encarregado de manter a ordem na Capital e no Interior durante o período das operações. Organizou-se, ainda, um serviço postal efficientíssimo, enfim, vários outros serviços foram organizados pela Associação Comercial de São Paulo.

[80ª Sessão Ordinária, 15 de outubro de 1936]

Continuando seu discurso, Romão Gomes destaca a atuação da Associação Comercial de São Paulo na Campanha do Ouro e na ajuda aos combatentes após o fim da revolução:

O SR. ROMÃO GOMES – PC – (...) a campanha do ouro excedeu todas as expectativas; a campanha dos capacetes de aço foi um serviço relevantíssimo, também levado a cabo pela Associação Comercial de São Paulo. O MMDC foi uma espécie de estado-maior das forças em operações. Os seus serviços foram de tal maneira relevantes que, findo o movimento, os préstimos dessa entidade se prolongaram, socorrendo os exilados em Portugal, principalmente os exilados pobres, como este que tem a honra de ocupar a tribuna neste momento; e não somente os exila-

dos, mas as próprias famílias destes recebiam a visita e os socorros da Associação Comercial de São Paulo, através do MMDC.

(...) Sr. presidente, a Associação Comercial de São Paulo, depois de findo o movimento, colaborou eficientemente, coordenando os diferentes partidos políticos e a antiga Federação de Voluntários para a elaboração da Chapa Única. De modo que vimos assim, em rápidas palavras, que os serviços dessa benemérita organização tiveram e têm orientadores competentes e dignos, não se cingindo ela, simplesmente, aos assuntos que dizem respeito ao comércio e à indústria, mas, sim, a todos aqueles que interessam a São Paulo e à nação.

[80ª Sessão Ordinária, 15 de outubro de 1936]

Souza Nazareth rende suas homenagens a Pedro de Toledo, Governador Civil da Revolução de 32, por ocasião de seu falecimento, ocorrido no Rio de Janeiro, em 29 de julho de 1935.

O SR. SOUZA NAZARETH – PC – São Paulo, afeito aos grandes choques morais, São Paulo que temperou a sua alma de gigante no sofrimento e nos embates ásperos da vida, olhando sempre para o alto, recebe hoje um dos golpes mais profundos, e baixa, hoje, como nunca, os olhos úmidos para o chão. Morreu o nosso Pedro de Toledo! (...)

Nem biografias luminosas, nem elogios fúnebres eloquentes, nem ribombos de salvas militares, nem lágrimas, nem lamentações, nem homenagens protocolares, nada, absolutamente nada, poderá dizer mais aos paulistas do que essas palavras simples, terríveis, positivas: o nosso Pedro de Toledo morreu!

Bastam elas para que ressurjam e vibrem, numa apoteose de luz e sangue, as clarinadas de 9 de julho, os planejamentos altivos das bandeiras paulistas que partiam, os exemplos de nobreza e de bondade, os ímpetos de uma mocidade forte e generosa, as sombras de um dia triste que não vai longe e as dores de uns tempos tristes que ainda estão perto ...

Tudo, numa ressurreição, retorna e revive, tudo avulta e se cristaliza neste instante, que há de eterno, para glorificar aquele que foi a alma, o calor, o brilho, o ímpeto, a vida da grande epopeia de 32. O tumulto de Pedro de Toledo há de ser um altar, e perante esse altar, os paulistas saberão dobrar os joelhos para murmurar, com ufania, uma oração à terra que o viu nascer, que se orgulhar dele, que ele despertou para novos destinos, que ele encaminhou para novos ideais; à terra que ele amou sobre todas as outras, à terra sagrada de São Paulo!

Curvo-me, silencioso, ante o corpo inerte do grande paulista que caiu, e que se há de erguer,

com um símbolo eterno, sobre este planalto predestinado de Piratininga!

[16ª Sessão Ordinária, 29 de julho de 1935]

Referências Bibliográficas

Hernani Donato: *A Revolução de 32*. Editora Círculo do Livro, 1982

Revista Digesto Econômico. Edição de Maio/Junho de 2012. Associação Comercial de São Paulo

Revista Digesto Econômico. Edição de Junho/Julho de 2014. Associação Comercial de São Paulo

NA TRIBUNA

Os discursos na tribuna 20 anos após a Revolução de 1932

A sessão **Na Tribuna** desta edição traz trechos de discursos de 1952 na tribuna da Assembleia Legislativa a respeito da Revolução de 1932. Assim, vemos como foi retratada a Revolução pelos deputados paulistas após vinte anos da revolta – as lembranças e comemorações da data. Os discursos a seguir foram feitos na 74ª Sessão Ordinária, em 8 de julho de 1952.

Iniciamos com a manifestação do então Presidente da Assembleia Legislativa, Asdrubal Cunha, do Partido Social Progressista (PSP). Ex-voluntário, Asdrubal relembra os combates:

O SR. PRESIDENTE – ASDRUBAL CUNHA – PSP – [Este Presidente] Foi um combatente de 1932. Combateu no Setor Norte, combateu diretamente as tropas vindas do Rio de Janeiro para o Vale do Paraíba; chegou à linha de frente dessas tropas ditatoriais com as primeiras forças constitucionalistas que atingiram a linha Formoso — Clube dos Duzentos, isto na noite de 10 para 11 de julho.

A ideia de que São Paulo perdeu a batalha, mas ganhou a guerra, com a posterior Constituinte de 1934, é abordada no discurso do deputado Lincoln Feliciano, do Partido Social Democrático (PSD):

O SR. LINCOLN FELICIANO – PSD – Transcorre, amanhã, o vigésimo aniversário da Revolução Paulista. Visou ela pôr o País no regime constitucional. Perdemos-la pelas armas, mas ganhamos-la pelo espírito.

A ideia nasceu em São Paulo, em São Paulo passou de homem para homem, como a pira que nos legaram os gregos, dando-nos a impressão da existência de coisas eternas, e transpôs os nossos limites, para avassalar todo o País.

A Revolução encabeçada pelo povo de São Paulo foi uma dessas epopeias que muito nos honram, pelo seu sentido e pelo seu resultado.

Receberam-na, como uma advertência, os políticos da época. Empolgados pelos mesmos impulsos do povo paulista, deram-nos eles a Constituição da República, árvore sob cujas fron-

des se abrigam todos aqueles que anseiam por um regime de paz, de tranquilidade e de justiça.

A deputada Maria Conceição Santamaria, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), eleita deputada estadual por seis mandatos – de 1947 a 1969, quando teve seu mandato cassado pelo regime militar –, também discursou no aniversário de 20 anos da Revolução de 1932, homenageando as mulheres paulistas.

ASRA. CONCEIÇÃO SANTAMARIA – PTB

– Sr. Presidente, srs. Deputados. Parece estranho que seja uma mineira, em sendo tantos os ilustres paulistas da bancada do Partido Trabalhista Brasileiro, que venha, em nome da bancada, a esta augusta Assembleia de São Paulo, falar do vibrante movimento de 1932. Mas, Sr. Presidente, para amar São Paulo não há necessidade de se ter nascido dentro de suas fronteiras.

(...) Sr. Presidente, a homenagem que vamos prestar, neste momento, com a alma de joelhos e com o espírito alevantado, é à mulher paulista, à mãe de 32, àquela que deu seu filho, que deu seu sangue, não contra uma pessoa ou contra pessoas, mas por um ideal democrático, ideal democrático que não foi de São Paulo, porque todo o Brasil vibrou com o povo de Piratininga. Sr. Presidente, este São Paulo das Bandeiras é e será sempre o mesmo São Paulo. E nós, trabalhistas, nascidos no Sul ou no Norte, seremos sempre paulistas de coração, porque nós, getulistas, não podemos nos esquecer de que a grande reserva eleitoral da nova democracia brasileira para o nosso chefe, para o nosso líder, parte sempre desse celeiro magnífico nas ciências, nas artes, nas indústrias, no comércio e na lavoura. São Paulo é a maior reserva do Brasil, São Paulo de 32, São Paulo de todas as épocas, São Paulo do Brasil, São Paulo de todos nós!

Ressaltando a importância da data para o Poder Legislativo, que inclusive dá nome ao edifício sede da Assembleia Legislativa, discursa o deputado Monsenhor Carvalho:

O SR. MONSENHOR CARVALHO – PSD

– Nós nos encontramos, Sr. Presidente, na Casa de 9 de julho, trabalhando como representantes do povo livre de São Paulo, sob a égide da Constituição de 9 de julho. Bastariam estas duas circunstâncias para que se justificasse todo o fervor de nossas homenagens à data que estamos festejando – 9 de julho de 1932, na sua vigésima comemoração.

O Monsenhor Carvalho continua sua fala observando que as comemorações ao aniversário da Revolução de 1932 não se limitam aos discursos, pois encontrava-se na Ordem do Dia a deliberação de um projeto de lei a respeito da construção do Mausoléu do Soldado Constitucionalista, obra em homenagem aos voluntários de 1932:

O SR. MONSENHOR CARVALHO – PSD

– Contudo, Sr. Presidente, razoável fora que esta Assembleia não se limitasse a comemorar com palavras apenas a sua adesão, a sua integração no júbilo dos paulistas por ocasião da efeméride que amanhã transcorre, o vigésimo aniversário da gloriosa e redentora revolução de 9 de julho de 1932. E convenhamos, Sr. Presidente, que a Assembleia não se tem limitado à comemoração de palavras, mas tem traduzido por atos a sua integração inteira e completa no espírito da revolução de 1932. (...)

E, Sr. Presidente, se qualquer dúvida nutríssemos a esse respeito, bastaria que corrêssemos os olhos pela Ordem do Dia da sessão que estamos realizando. (...)

Nesta Ordem do Dia encontramos o item no 6, por exemplo: “Discussão e votação da redação final ao Projeto de lei nº 123, de 1952, apresentado pelo Sr. Governador, abrindo crédito à Fundação Monumento e Mausoléu do Soldado Constitucionalista, para execução do monumento e mausoléu a ser erigido em honra ao soldado constitucionalista de 32”. Esse projeto se encontra em redação final. Que esplêndida maneira, senhores deputados, de a Assembleia come-

morar o 9 de julho, votando em redação final, ainda que com atraso, mas sempre com expressiva sinceridade e com magnífica oportunidade, esse Projeto de lei de iniciativa do Sr. Governador, projeto que visa concretizar a homenagem que a Assembleia Constituinte fixou no artigo 19 do Ato das suas Disposições Constitucionais Transitórias.

Asdrubal Cunha, presidente da Assembleia Legislativa, discorre sobre a legitimidade de o povo se rebelar quando vê seus direitos ameaçados:

O SR. PRESIDENTE – ASDRUBAL CUNHA – PSP – Senhores deputados, a Mesa

da Assembleia vem associar-se com as manifestações cívicas do Plenário, pelo transcurso de mais um aniversário da data gloriosa de 9 de julho.

Há vinte anos passados, o povo de Piratininga levantou-se, como um só homem, empunhando as armas para reclamar uma constituinte e uma

constituição. Revoltava-se, não para subverter a ordem constitucional do país, ou para suprimir o regime que havia ajudado a implantar em 15 de novembro de 1889. Tampouco desejavam os paulistas separar-se da União Federal – cujo território fora ele próprio quem havia incorporado outrora ao patrimônio nacional, transpondo os paralelos e afastando a linha do meridiano para dilatar as fronteiras.

Impossibilitado agora de recorrer aos meios legais, para restaurar o regime, de vez que a lei fora virtualmente abolida — ele apelava para o mais velho de todos os direitos — o direito de revolução. Fazia-se constituinte na praça pública, como nos tempos bíblicos e romanos, a fim de manifestar a sua *vox populi, vox Dei*. O povo bandeirante reagia pelo imperativo das responsabilidades históricas que assumira com

a independência, com a fundação do Império, com a implantação da República federativa, com o regime constitucional. (...)

E a estes imperativos históricos vinham juntar-se, também, razões de ordem social, de natureza econômica e cultural característica de seu cosmopolitismo democrático. Pois, quanto mais uma sociedade é culturalmente desenvolvida, e economicamente industrializada, mais necessidade sente, para viver e trabalhar, daquelas franquias políticas que somente uma constituição pode assegurar. São Paulo reagia, assim, como um organismo vivo, que morre asfxiado à minguada do oxigênio puro da legalidade.

Há vinte anos passados, o povo de Piratininga levantou-se, como um só homem, empunhando as armas para reclamar uma constituinte e uma constituição

Continuando seu discurso, o Presidente Asdrubal Cunha imagina como seria uma homenagem futura aos heróis de 1932.

O SR. PRESIDENTE – ASDRUBAL CUNHA – PSP – Um dia – quando o artista houver de esculpir

no bronze eterno (porque nós vivemos dentro da eternidade, como diz Krishnamurti), os lances sublimes dessa epopeia, há de inspirar-se na grandiosidade daquela comoção cívica talhando nos altos relevos do monumento majestoso as figuras lendárias de Mário, Miragaia, Dráusio e Camargo, e o pequeno escoteiro sondando o horizonte, a mocidade nas barricadas e nas trincheiras os velhos montando sentinela nas estradas, e as mulheres nas oficinas, arrancando do peito e dos pulsos as suas joias – para o bem de São Paulo!

No alto, empunhando o pavilhão tricolor, a imagem da própria Pátria agradecida, com a destra estendendo a coroa de um mirto sobre o herói que tombou pelo império da Lei.

No pedestal bem poderia figurar aquela inscrição que Ostwald colocou no monumento ao

soldado alemão de 1914: *Vict, invicti, victuri*. Aos vencidos de hoje, invencíveis e vencedores de amanhã.

Sim, porque à medida que o tempo vai passando, e o juízo sereno da História vai projetando sobre a tela daqueles acontecimentos a luz de sua análise imparcial, nós compreendemos que São Paulo, vencido no campo da luta, incompreendido e só – venceu com o Brasil no campo do ideal. As revoluções – disse Trotski – são as inspirações loucas da História. São Paulo teve essa inspiração alucinada do futuro.

E hoje, sob as bênçãos da Constituição, a nacionalidade sobrevive e prospera: – as oficinas cantam, os teares murmuram, os campos estão semeados e as crianças vão para as escolas, beber nas páginas imorredouras da História a fé na grandeza do Brasil.

Por fim, Asdrubal Cunha conclui seu discurso falando do orgulho de ter sido voluntário em 1932:

O SR. PRESIDENTE – ASDRUBAL CUNHA – PSP – Quanto a mim, deputado por São Paulo e hoje presidente da sua Assembleia Legislativa, filho das coxilhas do Sul – descendente que sou daqueles gaúchos que, montando guarda na fronteira, lutaram na Ilha de Fanfa e nas barrancas do Jacuí, sonhando com a república de Piratini – eu me sinto orgulhoso de haver lutado do lado de São Paulo constitucionalista de 32, como elemento que era das tropas regulares do Exército Nacional, sediada neste Estado. Hoje, representante que somos do povo paulista nesta Casa, onde se faz e onde se cultua a Lei – unamos as nossas orações cívicas às preces desse povo, em memória dos bravos que tombaram, sonhando pela restauração do mesmo império da Lei.

FOTOS DO ACERVO

Comemorações constroem memória do Movimento de 1932

Em 1933, a partir de uma iniciativa da Sociedade Cívica de Veteranos de 32 – MMDC, lançou-se a ideia de se levantar um monumento-mausoléu em homenagem aos tombados durante a Revolução Constitucionalista. No ano seguinte realizou-se um concurso público para o monumento-mausoléu, que foi vencido pelo artista Galileo Emendabili. No entanto, somente em 1947 definiu-se que ele seria erigido no Ibirapuera, sendo sua construção iniciada alguns anos depois.

Embora se houvesse previsto sua conclusão durante as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954, não foi possível inaugurá-lo na data prevista. Mesmo assim, antecedeu-se ao traslado dos restos mortais daqueles jovens que se tornaram símbolos do movimento de

1932: Euclides Bueno Miragaia, Mário Martins de Almeida, Dráusio Marcondes de Souza e Antônio Américo de Camargo Andrade. Isto ocorreu no dia 9 de julho de 1954. Depois disso, a todo 9 de julho, para lá foram sendo trasladados os restos dos mortos que combateram e também daqueles que tiveram destacada atuação durante a Revolução Constitucionalista. Tais cerimônias eram concebidas de modo a abarcar várias cidades do Estado de São Paulo e de outros Estados e, quando de seu desenrolar na Cidade de São Paulo – destino final dos combatentes –, buscavam envolver toda a população paulistana. O monumento-mausoléu somente seria totalmente concluído em 1970.

Dentre as mais de 180 mil fotos custodiadas pela Divisão de Acervo Histórico da Assembleia

Legislativa, feitas pelos fotógrafos da Casa para registrar as atividades ocorridas no Legislativo Paulista e que estão disponíveis para consulta dos interessados pessoalmente, ficaram preservados alguns momentos desse processo de transferência dos restos mortais dos combatentes de 1932 para o monumento-mausoléu. Aqui, como contribuição à preservação dessa memória, publicamos imagens dos eventos ocorridos em 1956 e 1957.

1956

No ano de 1956 foram trasladados para o monumento-mausoléu os restos mortais de cinco combatentes (general Isidoro Dias Lopes, voluntários Fernão Morais Salles e César Pena Ramos, soldado José Benedito Salinas e sargento Álvaro dos Santos Mattos), que vieram da Capital e do Interior do Estado de São Paulo e do Estado do Rio de Janeiro. Alguns dias antes da comemoração do 9 de julho, todos eles foram reunidos na Praça da República — onde, a 23 de maio de 1932, tombaram os jovens Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo —, local de uma cerimônia pública. Dali saiu um cortejo que

percorreu vários locais, deixando em cada um deles uma urna, a fim de que os combatentes fossem homenageados (no Quartel General do II Exército, então localizado na rua Conselheiro Crispiniano; na Câmara Municipal de São Paulo, então sediada na rua Líbero Badaró; na Faculdade de Direito; no Batalhão Tobias Aguiar e na Assembleia Legislativa, que então funcionava no Palácio das Indústrias, no Parque Dom Pedro II).

Na Assembleia Legislativa ficaram os restos de Álvaro dos Santos Mattos. Filho de Manoel de Mattos e de Maria Conceição dos Santos, era sargento da Força Pública e faleceu no dia 16 de setembro de 1932, em batalha travada às margens do Rio das Almas, aos 23 anos de idade. Nascido na Capital, antes de seus restos serem trasladados ao mausoléu-monumento, estava sepultado em Itapetininga.

No dia 9 de julho, após missa solene na Catedral da Sé, os restos dos cinco combatentes foram conduzidos até o monumento-mausoléu.

Cortejo com restos mortais de voluntário de 1932, em frente à Assembleia Legislativa. Foto tirada em 9 de julho de 1956.



1957

Neste ano a comemoração tomou um caráter especial, pois se completavam vinte e cinco anos da Revolução Constitucionalista. Desta vez, no dia 7 de julho, onze urnas, novamente vindas da Capital e do Interior do Estado de São Paulo e do Estado do Rio de Janeiro, foram reunidas na Praça da República. Aí receberam homenagens o embaixador Pedro de Toledo (governador de São Paulo ao tempo da Revolução Constitucionalista), o major aviador Aderbal de Oliveira, o guarda-civil Natal Martinetto, Carlos de Souza Nazareth (presidente da Associação Comercial em 1932), o general Júlio Marcondes Salgado (comandante da Força Pública em 1932), general Palmério de Rezende, o capitão Antônio Ribeiro Júnior, o capitão de fragata Néelson de Mello e os voluntários Hermes de Moura Borges, Delmiro Filgueiras Sampaio e João Pereira dos Santos. Da Praça da República as urnas seguiram para o Largo São Francisco, ficando expostas publicamente à visita na Faculdade de Direito. No dia 9 de julho de 1957, ao primeiro minuto do dia, no Parque do Ibirapuera, foram disparados tiros de canhão e houve toque de clarim. Horas depois, na Assembleia Legislativa houve hasteamento solene da bandeira e, em seguida, os deputados rumaram para a Praça da Sé. Às oito horas iniciou-se missa solene no altar-mor da Catedral da Sé. Logo em seguida, em viaturas do Corpo de Bombeiros, os restos mortais seguiram

Da esquerda para direita de cima para baixo: (1) cortejo com restos mortais dos ex-combatentes até o monumento-mausoléu, em São Paulo, em viaturas do Corpo de Bombeiros; (2) Presidente Juscelino Kubitschek sendo recepcionado na Alesp, onde participou de sessão solene em homenagem aos 25 anos da Revolução de 1932; (3) cortejo com restos mortais de Pedro de Toledo; (4) cerimônia de recepção dos restos mortais de combatente no mausoléu. Fotos tiradas em 9 de julho de 1957.

em cortejo pelas ruas paulistanas até o monumento-mausoléu. Aí, além das cerimônias de encerramento das urnas no jazigo, houve um desfile em frente ao monumento-mausoléu, no qual, além de autoridades civis e militares e personalidades, tomaram parte a Guarda Civil, a Força Pública, a Polícia Feminina, diversas bandas e os Dragões da Independência.

Mais tarde, em comemoração ao Jubileu de Prata da Revolução de 1932, realizou-se uma sessão solene na Assembleia Legislativa, na qual também foram rememorados os dez anos da promulgação da Constituição Paulista de 1947. A esta sessão, mostrando claramente a importância dos eventos ali comemorados, esteve presente, em visita oficial, o presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira.



DOCUMENTO EM FOCO

Comissão da Medalha – Fotos, jornais, cartas

O Acervo Histórico da Assembleia Legislativa abriga a documentação da Comissão da Medalha. Esta comissão foi criada em 1962 para homenagear os voluntários da Revolução de 1932. Para receber a Medalha da Constituição, era necessário que os veteranos enviassem à Assembleia Legislativa provas de que haviam participado da Revolução. Esse rico material nos traz detalhes

de como foram vividos aqueles dias entre julho e outubro de 1932. A coluna **Documento em Foco** desta edição se debruçará sobre alguns desses documentos, que nos permitem observar como era vivenciado, pelos paulistas, o movimento armado. Traremos, nesta edição, fotos, recortes de jornais da época, cartas enviadas a familiares, poemas feitos em plena guerra.

José de Campos Guimarães

O ex-combatente José de Campos Guimarães apresentou como prova de sua participação cópia do jornal “O Commercio”, da cidade de Amparo, de 18 de agosto de 1932, no qual seu nome aparece entre os voluntários do Batalhão 23 de Maio. Os jornais apresentados à Comissão da Medalha nos mostram como foi a cobertura da Revolução de 1932 pela imprensa da época. Além da relação dos

nomes dos voluntários que se prontificaram a queimar uma ponte, o jornal também publicou o relato detalhado dessa tarefa.

Para registrar este importante evento, transcrevemos o relato publicado pelo “O Commercio”, intitulado “Coluna da Madrugada”:

Transcrição do trecho – Coluna da Madrugada

Havíamos dormido na estrada, a seis quilômetros de Minas, a noite de 7 para 8 do corrente. Pela manhã de 8, entramos na divisa dos Estados por Monte Sião. O comandante Castro designou 20 homens da Força Pública, com um fuzil metralhadora, para um trabalho de responsabilidade e depois, voltando-se, disse-nos: “Necessito de mais 30 homens dos voluntários. Não mando porque se trata de missão difícil. Vai quem quiser. Não queimar uma ponte, à 30 quilômetros, no flanco esquerdo do inimigo. Não vá a pé, por picadas e em coluna por um.” Lia-se na frente do Capitão Castro a emoção de um pai falando a filhos.

Separaram-se os 30 voluntários. Despedidas, abraços e votos de felicidade. O Arthur Arruda, para dar a nota cômica, fingindo medo, com trêmulos na voz diz: “Padre Luiz, desta vez, voltamos em folhas de porta”.

Partimos com os Tenentes Jonas, Padilha e Asseiro.

Às 13 horas fizemos a parada para o almoço, junto a um fresco riacho. Pão, salame, broa de fubá e água. Às 14 horas toca para diante.

Às 16 horas o Dr. Carlos Affonso do Amaral e Gabriel Junqueira avistam 3 cavalarianos da ditadura. O Padre

Luiz, torcendo a verdade, evita o alarme, e tudo volta à calma, com a entrada na mata. Às 17 horas alcançamos a Fazenda Pinheiros, município de Jacutinga. O Tenente Padilha chama o Agenor, o Laurindo para fazerem a boia. Arroz e leitoa, melado e farinha – às 19 horas e toca a dormir o sono exigido por 24 quilômetros de caminhada. Depois é preciso fazer comunicação ao Comando. Voltam o Rômulo Motinari, o Renato Monteiro e o Romeu Rossi. Dormimos agrupados sob frondosa figueira. Tudo bem, menos o ronco formidável do Antônio Veiga. O Beretta vai reconhecer a ponte e é preso por gente nossa e dá-se o encontro com o Alcindo Marques. A ponte estava ocupada, e era da fazenda da Matta, do falecido Pedro Cintra.

No dia seguinte, às 5 e meia marchamos e o Babianinho ficou dormindo. Foi por isso que “pirou” (termo novo – desertou).

Às 11 horas foi feito o trabalho da ponte.

Às 15 horas almoço feito pelo Agenor que temperou o arroz com sangue de seu dedo.

Às 16 horas e meia o Tenente Jonas volta com 4 caminhões. Que alívio. [illegível] quilômetros de “P 2”. Ninguém

estropiado. Todos animados. O Sylvio Leite, vulgo Palimércio, um pretinho turuna, fazia rir a todos com suas troças.

Contornamos Elentério ao pipocar da metralha e ao ronco dos canhões, atingindo Barão Ataliba às 20 horas. Noite ao relento porém bem dormida, apesar do Veiga bancar o contra-baixo a 2 por 4. Na quarta-feira, dia 10,

boa prosa e camaradagem com os moços de Jaboticabal retirados da linha de fogo há algumas horas e visita ao trem blindado. Rancho bom às 11 horas. Bivaque e canto ao som de gaita tocada pelo [ilegível] Agenor. Cantaram-se: Luar de Paquetá. Samba de Negro. Ela toma cocaína. Rolinha do Sertão. Tristeza do Jeca. Noite de reis. Malandrinha.

Donde estás coração e finalmente desafio no qual se salientaram o feio Fortunato (bravo companheiro) e... o padre soldado. Tudo isto acompanhado com bateria de pratos, colheres e palmas. Foi um festão.

Às 15 horas a corneta floreira, alteia e reboa. Reunir. Novidade. Capitão Moura avisa a passagem de aviões de bombardeio para uma visitinha ao Juarez Távora. Vivas, palmas e nariz para o ar.

Às 15:30 surge no azul claro o 1o avião. Passa direto. Às 15:40 aparece o 2o e contra toda a expectativa, volteia, sobe e zés... 4 "melancias" sobre a gente. Estrondos formidáveis. Pânico, gritos de mulheres, crianças choram, correrias e rompe nossa fuzilaria contra o avião que foge derrubando ainda mais 2 "bichas" que não explodem.

Isso foi o assunto de muitos dias no cavaco. O Molinaro e

PUBLICAÇÕES.
 POR LÍNEA (1ª Vez) . . . \$500
 REPETIÇÃO . . . \$400
 PAGAMENTO ADIANTADO.

Ó O COMMERCE

Esq. rpt. RUA 13 de Maio, 86
 TELEPHONE: 78
 Director: A. LOMBARDI
 Proprietarios: IRMÃOS LOMBARDI &

ANNO XVII | S. PAULO | AMPARO — Quinta-feira, 18 de Agosto de 1932

ECOS E NOTAS

Foi convocada para hoje às 13 horas, uma sessão extraordinária da primeira câmara do Tribunal de Justiça, para julgamentos de habeas corpus e feitos criminaes.

Procedente da Europa, com escalas pela Africa e Sul do Brasil, passou domingo em Santos, o avião correio da Comp. Aeropostale, trazendo regular quantidade de correspondencia para a Capital.

Importante movimento diplomatico acaba de ser realizado pelo governo facista da Italia, implicando duas transferencias que afetam o nosso paiz: o sr. Vittorio Cerrutti, embaixador da Italia no Rio, removido para Berlim, e o sr. Serafino Mazzolini, consul em S. Paulo, promovido a ministro plenipotenciario no Uruguay.

Para a embaixada do Rio, foi designado o cav. Roberto Cantalupo, ex-ministro no Cairo.

Foi aberto um credito de 30 mil contos de reis para ocorrer ás despesas da Revolução Constitucionalista.

Impostos Municipaes
 O sr. Uario Pires, prefeito municipal, comunica-nos que a Prefeitura receberá sem multa, até o fim deste mez, os impostos de industria e Profissão, Predial e Veiculos, a ella devidos.

Dessa data em diante, de acordo com determinações emanadas do Departamento Municipal de São Paulo, ver-se-á obrigado a proceder a arrecadação, com a multa de 20 oje, dos referidos impostos, pelo que, por nosso intermedio solicita a atenção de todos os interessados.

Falta de espaço
 Por absoluta falta de espaço e por nos terem chegado com atraso, deixamos de publicar na edição de hoje varias listas e informações relativas ao movimento nacional.

Registro Civil

Movimento Revolucionario Const

COLUMNA DA MADRUGADA

Havíamos dormido na estrada, a 2 kilometros, de Minas, a noite de 7 para 8 do corrente. Pela manhã de 8, entramos na divisa dos Estados por Monte Siso. O comandante Castro designou 30 homens da Força Publica, com um fuzil metralhadora, para um trabalho de responsabilidade, e depois, voltando-se, disse nos: "Necessito de mais 20 homens dos voluntarios. Não mando porque se trata de missão difficil. Vae quem quiser. Vou queimar uma ponta, ha 30 kilometros, no flanco esquerdo do inimigo. Vão a pé, por picadas e em columna por um. Liza-se na frente do Capitão Castro a ordem de pe falando a filhos.

Separaram-se os 20 voluntarios. Despedidos, abraços e votos de felicidade. O Arthur Arruda, para dar a nós omeira fingido mado, com tremulo na voz diz: "Padre Luiz, desta vez, voltamos em folhas de porta."

Partimos com os Tenentes Jonas, Padilha e Assaio.

A's 13 horas ficamos a parada para o almoço, junto a um frasco rachado. Não, estamos, boca da fubá e agua. A's 14 horas toca para diante.

A's 16 horas o Dr. Carlos Affonso do Amaral e Gabriel Janqueira avistam 3 cavalliaros da Uctadura. O Padre Luiz, torcendo a verdade, evita o alarme, e tudo volta á calma, com a entrada na mata. A's 17 horas alcançamos a Fazenda Finabros, municipio de Jacutinga, O Tenente Padilha chama o Agenor, o Laurindo para fazermos a toca. Arroz e feijão, melado e farinha—às 19 horas e toca a dormir o sono exigido por 24 kilometros de caminhada. Depois é preciso fazer communicação ao Comandante, Voltamos o Romulo Molinari, o Renato Monteiro e o Romeu Rossi Dormimos agrupados sob frondosa figueira. Tudo bem, menos o ronco formidavel do Antonio Veiga. O Heratto vae reconhecer a ponte e é preso por gente nossa e dá-se o encontro, com o Alcindo Marques. A ponte estava occupada, e era da fazenda da Mata, do fallecido Pedro Cintra.

No dia seguinte, ás 5 1/2 marchamos e o habitininho ficou dormindo. Foi por isso que "pirou" (termo novo—desertou).

A's 11 horas foi feito o trabalho da ponte.

A's 15 horas almoço feito pelo Agenor que temperou o arroz com sangue de seu dedo.

A's 16 horas e mais o Tenente Jonas vae com 4 canhões. Que allivio!!! 31 kilometros de "P 2e. Ninguém estropiado. Todos animados. O Sylvio Leite, vulgo Palimércio, um pretinho turuna, fazia rir a todos com suas troças.

Contornamos Elentério ao pipocar da metralha e ao ronco dos

canhões, atingindo Barão Ataliba ás 20 horas. Noite ao relento porém bem dormida, apesar do Veiga bancar o contra-baixo a 2 por 4. Na quarta-feira, dia 10, boa prosa e camaradagem com os moços de Jaboticabal retirados da linha de fogo há algumas horas e visita ao trem blindado. Rancho bom às 11 horas. Bivaque e canto ao som de gaita tocada pelo Nta. Agenor. Cantaram-se: Luar de Paquetá. Samba de Negro. Ela toma cocaína. Rolinha do Sertão. Malandrinha. Onde está coração e finalmente desafio no qual salientaram-se o feio Fortunato (bravo companheiro) e... o padre soldado. Tudo isto acompanhado com bateria de pratos, colheres e palmas. Foi um festão.

A's 15 horas a corneta floreira, alteia e reboa. Reunir. Novidade. Capitão Moura avisa a passagem de aviões de bombardeio para uma visitinha ao Juarez Távora. Vivas, palmas e nariz para o ar.

A's 15:30 surge no azul claro o 1o avião. Passa direto. Às 15:40 apparece o 2o e contra toda a expectativa, volteia, sobe e zés... 4 "melancias" sobre a gente. Estrondos formidáveis. Pânico, gritos de mulheres, crianças choram, correrias e rompe nossa fuzilaria contra o avião que foga derrubando ainda mais 2 "bichas" que não explodem.

Isto foi o assumpto de muitos dias no cavaco. O Molinaro e Padre Luiz levam o raso e a leticia de bomba explodida a 50 ou 60 metros do nosso pessoal.

Jantar e arrastar cama. A's 20 horas deixamos-nos sobre capim seco sob um telheiro de olearia. A's 22 horas já o Veiga ronca quando o Siqueira chega: "Levanta gente, vamos partir para o nosso sector, ha foguetim por lá."

A's 23 horas cantando deixamos Barão Ataliba.

A's 24 horas esticamos a campaina. Deixamos a Mogyana e subimos para os camalhões. Que dormira: "Isto formo? Que sono e o Palmiercio a falar... apagar dos carpataes. Finalmente... Thomas de Lindoya ás 3 1/2 da madrugada de 5a feira. Dr. Torzi forneceu-nos cama, boa comida e excellento banho na mais linda piscina do Brasil.

Capitão Castro criou-nos fossos elegiados na ordem do dia.

Toca para as trincheiras, já livres dos carpataes.

Foi um bello feio.

Viva São Paulo! Viva o Amparo!

Ha os companheiros da Columna da Madrugada.

P. L.
 (Do "front", em Socorro)

Capacetes de Aço

Foram recolhidos mais os seguintes doativos em prol do capaceteção para as forças constitucionalist

Antonio Andrade, Aristides Ferraz, Jacomo Righetti, José Gileoli, Aurora Teixeira, Artur Moreira e Francisco Nobrega, 15\$000 cada um; o sr. Zeno e Cidinha, filhas do José B. Oliveira, 3\$500; d. Ana B. nardina de Campos, 3\$500; Um 1 queador do Variedades, 2\$000.

Lista do sr. José Ramos de Albuquerque Cunha, sagariando entre os nomes da Veneravel ordem III de S. Francisco.

Um catolico Terceiro, Simplicio Rodrigues e Pedro Siqueira, 10\$4 cada um; um terceiro e Elias Paes de Siqueira, 20\$000 cada um; J. Ramos A. Cunha, 5\$000; Alexsandro Procali e Luiz Fontana, 2\$500 ca um; Teresa B. da Cunha, Adelaide de Oliveira, Emilio F. Lonia e Fell Izuelito, 1\$000 cada um; Francisco das Oliveiras, Benedito F. Lima, José Estevam Oliveira, 5\$00 cada um.

Damos a seguir os nomes dos criticos da Fazenda Boa Vista.

Coqueiros:

D. Izaltina de Melo Schmidt, me na Maria Ramos e Josias Fausto Car 10\$000 cada um; Victoria Molinas Carolina; Franco, Constante Formag João Gomes de Godoy, Alexandre C zati, Pedro Camilo, Eitor Garam, El medio Vicente, mesmo Tomaz Sarva, mesmo Carlos de Melo Schmidt, Arlindo Rodrigues Pinto, Gildo Far tual, 2\$500 cada um; Geaz Poliany Domingos Pitarelli, Lazaro de Lira Costa e Benjamin Rogazio, 5\$000 ca um; Zelinda Salvia, Maria de Los das Camargo e Manual Reis Oct 15\$000 cada um.

—São as seguintes, as alunas do ano B. do grupo escolar Kangel It tana, que, secundando a iniciativa iniciativa de seu diretor sr. pr João Pereira, concorrem, num to de 22\$000, para a compra de um p cete de aço aos soldados em ronna:

Teia Magnoli, Eris Lombardi, Dii Moffaz, Eiza Gileoli, Alia de Ass Conceição Silva, Alice Elias, Ka Rodrigues, Saba Amaral, Ana Abreu, Rosina Petri, Alice Maia Aurora Lara, Mabel Feres, Zoraida Onello, Izabel Miota, Ema Haldon, Maria Sobrin, Gilda Galassi, Maria Gu so, Florinda Gileoli Georgina Rod gues, Ondina Rosetti, Ernestina H rego e Palmira Pires.

—Essa subscrição promovida pel srs. drs. Plinio Amaral e Constant Cintra, até hontem, já atingia o total de 581\$500.

Fozer quantia já foi remetida pa São Paulo, 22\$000.

Escola Normal

O sr. Francisco Clímio, professo fiscal da Escola Normal Gesta cidade officiou ao sr. Diretor Geral do Esai autorizando o desconto, pela Coleto local, do um dia de seus vencimen em prol de causa nacional.

Capacetes de aço

Até hontem atingiu a 500 contos.

ario Constitucionalista

Capacetes de Aço

Foram recebidos mais os seguintes doativos em prol do capacete de aço para as forças constitucionalistas.

Antonio Andrade, Aristides Fernandes, Jacomo Righetti, José Gisolfi, d. Aurora Teixeira, Artur Moraes e Francisco Nobrega, 15\$000 cada um; moicanos Zezito e Cidinha, filhas do sr. José B. Oliveira, 33\$000; d. Ana Bernardina de Campos, 50\$000; Um frequentador do Variadões, 2\$000.

Lista do sr. José Ramos de Albuquerque Cunha, sugariando entre os irmãos da Veneravel ordem III de São Francisco.

Um catolico Terceiro, Simplicio A. Rodrigues e Pedro Siqueira, 10\$000 cada um; um terceiro e Elias Paulo de Siqueira, 20\$000 cada um; José Ramos A. Cunha, 5\$000; Alexandre Proletari e Luiz Fontana, 2\$000 cada um; Tereza B. da Cunha, Adelaide G. de Oliveira, Emilio F. Lenta e Felicio Ernuelto, 1\$000 cada um; Francisco Goues Oliveira, Benedito F. Lima e José Estevam Oliveira, 500 cada um.

Damos a seguir os nomes dos subscritores da Fazenda Boa Vista, em Coqueiros:

D. Izaltua de Melo Schmidt, menina Maria Ramos e Josias Fausto Carmo, 10\$000 cada um; Vitoria Molinari, Carolina Franco, Constaete Formaglio, João Gomes de Godoy, Alexandre Colzati, Pedro Camilo, Ettore Garam. Be-

Munições de Guerra

Foram entregues na Delegacia de Policia desta cidade, até ante-hontem, as seguintes munições de guerra:

Dr. Plínio Augusto do Amaral, 400 balas; recebidas do sr. dr. João Jorge de S. Franco e 71 de diversas pessoas; Artur Crozera, 100; Ermínio Moraes, 33; José Inacio Macedo, 10; Carlos Alves de Godoi, 84; Renato Camargo, 9; Rodrigo de Arruda Botelho, 46; Romualdo Borgarelli, 12; José Ferreira, 50; Gumercindo de Azevedo Arruda, 16; Geolmina Batoni, 50; Nicancor Teixeira, 100; Dr. João Jorge de Siqueira Franco, 47; Cap. Antonio Osorio R. Silva, 55; Israel Siqueira Franco, 24; Oriandi, Sobrinho & Cia., 11; Erculano de Araujo Cintra, 4; Saladino Pinto de Aquino, 11; José Scalvi de Oliveira, 1; Querubim Ribeiro, 10; Julio Longo, 17; Benedito Lino de Faria, 10; João Leite da Silva, 15; Ernes Moraes, 10; Dr. Virgilio de Araujo, 11; Americo Carloti, 38; S. Palva, 141; Manuel Palva, 25; A. Teixeira & Irmão, 50.

—Pede-nos o sr. dr. Plínio Amaral, membro da Frente Unica local, para declarar que as 471 balas que entregou ao sr. dr. Delegado de Policia, 400 foram recebidas por S. S. do sr. dr. João Jorge de Siqueira Franco e 71 de diversas outras pessoas, e não como foi publicado.

Alistamento de voluntarios para o serviço auxiliar de defesa territorial

Os trabalhadores manuaes, artifices e tecnicos, que desejarem prestar, como voluntarios, o seu concurso á causa constitucionalista, nos serviços auxiliares de campanha, podem apresentar-se, das 12 ás 15 horas, no Palacio da Justiça, cartorio do 1.º officio criminal, entrada pela rua Anita Garibaldi, Capital.

Serão aproveitados nesses serviços:

- a) — electricistas.
- b) — radio-telegrafistas.
- c) — ferreiros.
- d) — serralheiros.
- e) — caldeiros.
- f) — carpinteiros.
- g) — canteiros.
- h) — pedreiros.
- i) — covoqueiros.
- j) — canoeiros e remadores.
- k) cocheiros.
- l) — serventes.
- m) — trabalhadores rurales.

Para o bom exito dessa tarefa, o Serviço Auxiliar de Defesa Territorial solicita a patriótica e prestativosa cooperação dos proprietarios e gerentes de fabricas, dos operarios e trabalhadores agricolas e, em geral, de todas

Nesses outros trechos do jornal apresentado por José de Campos Guimarães, vemos como a imprensa mobilizou a sociedade tanto para arrecadar doações em prol da Revolução de 1932 quanto para se alistar como voluntário.

Padre Luiz levam o caco e a hélice da bomba explodida a 50 ou 60 metros do nosso pessoal.

Jantar e arranjar cama. Às 20 horas deitamo-nos sobre capim seco sob um telheiro de olaria. Às 22 horas já o Veiga roncava quando o Siqueira chega: "Levanta, gente, vamos partir para o nosso setor, há fogueirão por lá.

Às 23 horas cantando deixamos Barão Ataliba.

Às 24 horas estávamos em Itapira. Deixamos a Mogiana e subimos para os caminhões. Que demora! Que fome! Que sono e Palimércio a falar... apesar dos carrapatos. Finalmente: Termas de Lindoia às 3 e meia da madrugada de quinta-feira. Dr. Tozzi forneceu-nos camas, boa comida e excelente banho na mais linda piscina do Brasil.

Capitão Castro ordenou fôssemos elogiados na ordem do dia.

Toca para as trincheiras, já livres dos carrapatos.

Foi um belo feito.

Viva São Paulo! Viva o Amparo!

Eis os componentes da Coluna da Madrugada.

P.L.

(Do front em Socorro)



Participação feminina

Destacamos a participação feminina na Revolução de 1932. Acima vemos as carteirinhas da MMDC das irmãs Annita e Laura Felippe, de 21 de julho de 1932, voluntárias no Departamento de Propaganda, como encarregadas de cartazes. E também o cartão de identidade fornecido pela Sociedade Veteranos de 1932 – MMDC – a Maria Magdalena Pugliesi, que prestou serviços de farmacêutica no 1º Batalhão de Saúde, em Bragança Paulista.



De cima para baixo: as irmãs Annita e Laura Felippe; em seguida, Maria Magdalena Pugliesi,

Fernando Pinheiro Franco

Fernando Pinheiro Franco, morto em combate, recebeu postumamente a Medalha da Constituição. Sua irmã Djanira Pinheiro Franco apresentou à Comissão da

Medalha carta enviada por Fernando a sua mãe logo depois de se alistar, a qual transcrevemos a seguir:

DR.
DJALMA PINHEIRO FRANCO
ADVOGADO

São Paulo, 28-7-32

Querida Mamãe.

O meu dever de Paulista me chama às armas. Parto com o coração transbordante pois vou cumprir com o dever sagrado de proteger o nosso Estado.

Espero que a mamãe não fique triste, pois irei acompanhado por Deus e todos os Santos que me protegerão contra o inimigo cruel que tenta entrar neste nosso querido torrão natal.

Vou para um lugar que não há muito perigo, graças a Deus. Vou e voltarei muito breve.

Peço que me desculpe de não ir vê-la, pois não há tempo. Entretanto se passar por Mogi, pelas 7hs da manhã irei despedir-me de todos.

Aqui fica o meu até logo a todos de casa. Abraços ao Papai, Cida, Guiomar, Nelson, Djanira, Galdininho.

S. Paulo, 28-7-32

Querida Mamãe,

O meu dever de Paulista me chama às armas. Parto com o coração transbordante, pois vou cumprir com o dever sagrado de proteger o nosso Estado.

Espero que a mamãe não fique triste, pois irei acompanhado por Deus e todos os Santos que me protegerão contra o inimigo cruel que tenta entrar neste nosso querido torrão natal.

Vou para um lugar que não há muito perigo, graças a Deus. Vou e voltarei muito breve.

Peço que me desculpe de não ir vê-la, pois não há tempo. Entretanto se passar por Mogi, pelas 7 horas da manhã, irei despedir-me de todos.

Aqui fica o meu até logo a todos a todos de casa. Abraços ao papai, Cida, Guiomar, Nelson, Djanira, Galdininho,

Francisco, Julinha, Lilia, Célia e José.

Escreva-me ao Djalma dando as despedidas por mim.

Lembranças a Luíza, a Áurea, Júlia e a todos os conhecidos meus.

Escrever-lhe-ei do lugar em que estiver.

À mamãe um abraço e beijo do filho que lhe quer muito bem e pede-lhe a benção.

Fernando

Reze por mim e por todos. Sant'Anna de Mogy me guardará assim como todos os Santos por isso não tenha cuidado.

Com fé se obtém tudo.

Do mesmo

Se tiver tempo em Taubaté, irei ver a Djamira.

Papai que não tenha cuidado comigo, já breve estarei de volta.

Fernando

Francisco, Julinha, Lilia, Célia e José.
Escreva-me ao Djalma dando as
despedidas por mim.
Lembranças a Luíza, a Áurea-Júlia
e a todos os conhecidos meus.
Escrever-lhe-ei do lugar em que
estiver.
À mamãe um abraço e beijo
do filho que lhe quer muito
bem e pede-lhe abençã
Fernando
Reze por mim e por todos.
Sant'Anna de Mogy me guardará
assim como todos os Santos por isso
não tenha cuidado.
Com fé se obtém tudo.
Do mesmo.
Si tiver tempo em Taubaté, irei ver
a Djamira.
Papai que não tenha cuidado comigo, já
breve estarei de volta.

Soneto

Em memória de Fernando Pinheiro Franco

Soldado voluntário da Constituição!

Foste cheio de fé, e firme com teus passos,
Para buscar somente a honra da Nação,
Que está neste momento em mãos de alguns devassos!

O sangue bandeirante do teu coração,
Vibrou por São Paulo e tombou-lhe nos braços!
Mas viste em cada lábio, uma linda oração,
Falar do teu Brasil, unido em fortes laços!...

Morreu lutando, sim! Para um feliz futuro,
Pelo grande Brasil, que tanta coisa encerra!
Deixou no solo pátrio, sangue nobre e puro.

Morreu! Morreu, bem sei! Morreu na flor dos anos,
É um constitucional a menos nesta terra,
É uma saudade a mais nos corações mogianos!

Mogi das Cruzes, 17 d agosto de 1932
Antonio Mauricio (Batalhão de Piraitinga)

Em julho de 1962, Fernando teve seus restos mortais sepultados no mausoléu no Parque do Ibirapuera.

A edição de 21 de agosto de 1932 do jornal "O Liberal", de Mogi das Cruzes, fez uma matéria sobre a morte de Fernando Pinheiro Franco e publicou um poema em homenagem a ele, que a seguir publicamos:



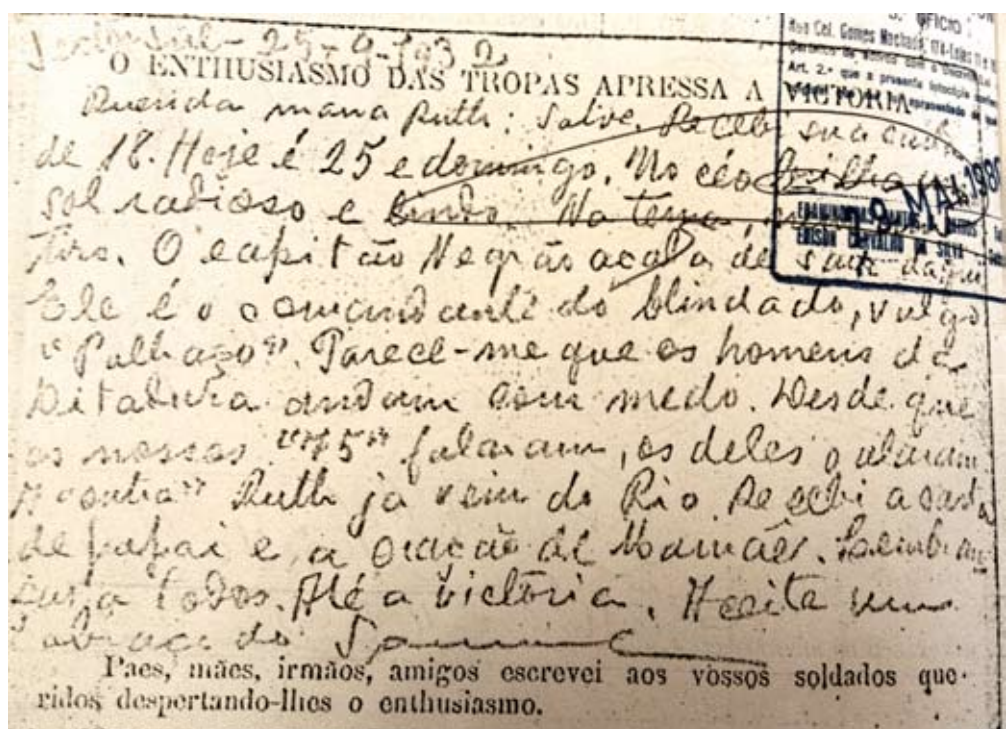
Samuel Nóbrega de Siqueira

Samuel Nóbrega de Siqueira participou como tenente da 4ª Cia. do 4º BCV da Brigada Sul, no Paranapanema, sob comando do general Ataliba Leonel. Enviou, em setembro de 1932, um cartão postal para sua irmã. Em 1975,

publicou, na revista "Paulistânia", um poema a respeito da medalha que havia recebido em homenagem aos 30 anos da Revolução de 1932. Ei-los transcritos:

Transcrição: Cartão postal para Srta. Ruth Nóbrega de Siqueira (de São João da Bocaina)
Remetente – 2º Tenente Nóbrega de Siqueira 4º BCV.
Setor Sul – 25/9/1932

Querida mana Ruth: salve, recebi sua carta de 18. Hoje é 25 e domingo. No céu brilha um sol radioso e lindo. Na terra, nem um tiro. O capitão Negrão acaba de sair daqui. Ele é o comandante do blindado, vulgo "Palhaço". Parece-me que os homens da ditadura andam com medo. Desde que os nossos "75" falaram, os deles calaram. A "outra" Ruth já veio do Rio. Recebi a carta de papai e a oração de mamãe. Lembranças a todos. Até a vitória. Aceite um abraço do Samuel





MEDALHA DE 1932

Nóbrega
de
Siqueira

*Jamais eu tive fazendas,
embora em velhas fazendas
tenham nascido meus pais.
Que faria com fazendas,
se hoje dão tão poucas rendas
os frutos dos cafezais?*

*Nunca recebi comendas,
embora muitas comendas
tivessem meus ancestrais.
Que faria com comendas,
se apenas trazem prebendas
e compromissos sociais?*

*Não usei punhos de rendas.
Minhas reduzidas Rendas
sempre foram salariais.
Que emprego daria às Rendas?
Vivo no mundo das lendas,
escrevendo madrigais...*

*Porém, me orgulha a medalha,
fundida ao troar da metralha,
durante luas e sóis...
Medalha de Combatente,
do mais modesto Tenente
Paulista de Trinta e Dois!*

(Niterói, 9 de julho de 1972)

22 *Gaulestana* n.º 79
1975

*Medalha de 1932
Nóbrega de Siqueira*

*Jamais eu tive fazendas,
embora em velhas fazendas
tenham nascido meus pais.
Que faria com fazendas,
se hoje dão tão poucas rendas
os frutos dos cafezais?*

*Nunca recebi comendas,
embora muitas comendas
tivessem meus ancestrais.
Que faria com comendas,
se apenas trazem prebendas
e compromissos sociais?*

*Não usei punhos de rendas.
Minhas reduzidas Rendas
sempre foram salariais.
Que emprego daria às Rendas?
Vivo no mundo das lendas,
Escrevendo madrigais...*

*Porém, me orgulha a medalha,
fundida ao troar da metralha,
durante luas e sóis...
Medalha de Combatente,
do mais modesto Tenente
Paulista de Trinta e Dois!*

(Niterói, 9 de julho de 1972)

João Machado de Araújo

O voluntário João Machado de Araújo apresentou como prova de sua participação uma cópia do jornal “o Cruzeiro”, no qual seu nome aparece como membro da Comissão da MMDC que solicitava mais voluntários para a Revolução em setembro de 1932. Segue a transcrição dessa solicitação:

MMDC

Exército de Reserva

No dia 7 de setembro de 1932 a Milícia Civil MMDC inicia a formação do Exército de Reserva. Quer levantar mais 50.000 voluntários para completar definitivamente a mobilização civil do Estado de São Paulo. Concitamos os homens de 18 a 35 anos a comparecerem ao posto de alistamento, na sede da organização local, nos salões da prefeitura (das 8 às 17 horas) a fim de se alistarem, para que, dentro de alguns dias, não haja em nenhuma trincheira nenhum homem cansado que não tenha pelo menos dois para substituí-lo. O alistamento será feito diariamente, a partir de 7 de setembro, dia da Independência Nacional.

São Paulo espera que cada um cumpra com o seu dever!

Sorocaba, 7 de setembro de 1932

Nessa mesma edição do jornal, destacamos também um poema escrito por Stockler de Lima após receber sua aliança de ferro, recebida do MMDC em troca da aliança de ouro doada para arrecadar fundos para a Revolução de 1932.

Aliança de Ferro

Dedicado ao Padre João Baptista de Carvalho

Soneto escrito após receber, na Catedral de Santos, a minha aliança de ferro

*És de ferro aliança!... E, neste instante,
Eu me orgulho de ter este tesouro!...
Tu não brilhas e vales mais que ouro
Vales mais do que pérola e brilhante*

*Tu me vens de uma forja crepitante
Oh, ferro! resistente e duradouro!...
Recebo-te, aliança, como louro*

Tecedor de coroa triunfante.

Aliança de ferro!... no meu dedo

Parece que me falas em segredo:

Eu simbolizo a terra das Bandeiras,

A S. Paulo das ouro, que tem brilho!...

Mais que ouro, porém, vale teu filho!...

Pela Pátria lutando nas trincheiras!...

Stockler de Lima

CRUZEIRO
Redação: Sorocaba (E. S. Paulo) - Quilômetro 10 - Caixa Postal 1000 - Phone 4-0-2

Alimentação Constituinte
ES ALLIANÇA DE FERRO PREFEITURA

Dedicado ao Padre João Baptista de Carvalho

Soneto escrito após receber, na Catedral de Santos, a minha aliança de ferro

*És de ferro aliança!... E, neste instante,
Eu me orgulho de ter este tesouro!...
Tu não brilhas e vales mais que ouro
Vales mais do que pérola e brilhante*

*Tu me vens de uma forja crepitante
Oh ferro! resistente e duradouro!...
Recebo-te, aliança, como louro
Tecedor de coroa triunfante.*

*Aliança de ferro!... no meu dedo
Parece que me falas em segredo:
Eu simbolizo a terra das Bandeiras,*

*A S. Paulo das ouro, que tem brilho!...
Mais que ouro, porém, vale teu filho!...
Pela Pátria lutando nas trincheiras!...*

STOCKLER DE LIMA

OURO

MMDC
EXERCITO DE RESERVA

No dia 7 DE SETEMBRO DE 1932 a Milícia Civil MMDC inicia a formação do EXERCITO DE RESERVA. Quer levantar mais 50.000 voluntários para completar definitivamente a mobilização civil do Estado de S. Paulo Concitamos os homens de 18 a 35 annos a comparecerem ao Posto de Alis- tamento, na sede da organização local, nos Salões da Prefeitura (das 8 ás 17 horas) a fim de se ali- starem, para que, dentro de alguns dias, não haja em nenhuma trincheira nenhum homem cansado, que não tenha pelos menos dois para substituí-los. O alistamento será feito diariamente, a partir de 7 de Setembro, dia da Independencia Naci- onal

S. Paulo espera que cada um cumpra com o seu dever!

Sorocaba, 7 de Setembro de 1932

A COMISSÃO

Luiz Rodighi
Porphyrio Laureiro
João Machado de Araújo
Dr. José Carlos de Sales Gomes
Dr. Diniz Moreira Sales

Por o Avaliação em S. P. mento á proprietram req esta Pro dos ref peio ven detalhes balho pa rio aos Soroc

Emissão de antecipad

12 - S

Todos os de F&S mensal.

Todos os titu unar&

Os socia

A G I

João Baptista Lopes de Abreu

João Baptista Lopes de Abreu apresentou à Comissão da Medalha cópia da edição de 24 de julho de 1932 do jornal "O Democrata", de São Roque, no qual seu nome

consta na lista dos voluntários. Interessante notar como a imprensa abordava a Revolução de 1932. Segue transcrição de trecho da reportagem:

São Paulo em armas pelo Brasil unido!

Cresce dia a dia, à proporção que nos distanciamos da gloriosa data nacional - 9 de julho, no ânimo dos paulistas e dos brasileiros filhos de outros Estados aqui residentes - o entusiasmo empolgante pela nobilíssima causa da constitucionalização do nosso querido Brasil que, sem ordem, sem pão, sem lei e des governado pela ditadura, mais parece um barco desarvorado e sem leme em mar revolto do que uma nação civilizada.

Para que esse estado de coisas que tanto nos oprime e nos abala, que tanto nos desmoraliza em face do estrangeiro e do concerto das nações organizadas, que tanto nos desacredita e avilta, — é que São Paulo e Mato Grosso pegaram em armas, secundados pelos brasileiros de todos os recantos do Brasil, a fim de, arrancando o país das garras da ditadura, reconduzi-lo ao regime da ordem, da paz e da tranquilidade, da lei, do direito e da constituição, para que o seu nome não se apague na história da humanidade e o povo brasileiro seja digno de si mesmo.

Só isso demonstra a sinceridade e o patriotismo com que São Paulo desfraldou a bandeira da luta a todo o transe com o dístico glorioso e sugestivo: liberdade dentro da lei ou morte!



José Petean

José Petean apresentou foto de época, bem como cópia do jornal "A Cidade", de 6 de setembro de 1932, que publica notícia na qual consta seu nome, bem como sua promoção por bravura ao posto de 2º sargento.

Segue transcrição da notícia do jornal a respeito de combate havido contra as tropas inimigas:



Na frente de Mocóca

O victorioso baptismo de fogo da Companhia Tte. Cezar — Voluntários desta cidade promovidos por actos de bravura

Recebeu o seu baptismo de fogo na zona de operações de Mocóca, a Companhia Tenente Cezar, e em que os voluntários de Ribeirão Preto que a constituem demonstraram o seu nunca desmentido ardor cívico

Nesse combate, sob o commando do valoroso militar conterrâneo tenente Cezar, os nossos desbarataram o inimigo e lhe apreenderam copioso material bélico, sem soffrerem uma unica perda.

Presentemente os ribeirão pretanos combatem no sector de Ponto do Ignacinho e Lagoa, onde vem se assinalando pelo seu alevantado espirito combativo em diversos recontros em que se distinguiram sem desmerecer o valor dos demais os bravos rapazes Fabio Bomfim (leiloeiro official) Orlando Salotte, Edesio Oliveira, Alvaro Soares (o popular Curiango) e José Petean. Estes destemidos voluntários, no Sector de Lagoas, conseguiram aprisionar 150 ditadorias e grande quantidade de material bélico.

O tenente Cezar em Ribeirão Preto

Esteve na cidade, tendo já proseguido em sua viagem o tenente José Cezar da Silva.

O bravo militar offerceu á publicidade a noticia seguinte :

Promoção por actos de bravura

Foram promovidos por bravura os seguintes voluntários : a 2.º tenente, Fabio Bomfim, Orlando Salotte e Edesio M. Oliveira; a Brigada, Alvaro Soares (Curiango) a 2.º Sargento, José Petean.

Dr. Wagner Serra

Ex-Assistente dos Hospitais do Rio de Janeiro

Clinica medica—Doenças internas (Do coração, pulmões e rins) Moléstias do estomago e intestinos.

Clinica de creanças (perturbações nutritivas, rachitismo, etc.—Regimes alimentares pelos methodos modernos da especialidade).

RAIOS ULTRA-VIOLETA

CONSULTORIO :
Rua Soldado Marinho 171-A
TELEPHONE 533

RESIDENCIA :
Rua Alvaro Cabral 99-A
TELEPHONE 396

Cruz Vermelha

Doativos em dinheiro :

Angariados por duas meninas entre os hospedes no Hotel Central, 328; resultado do vespéral dançante realizado pelo «Smart Club Dançante, 738400; offerta do sr. Apollo Ferraz Sampaio, 10 francos e 1 dollar; d. Nancy Pereira—cofre, 29400.

Doativos diversos :

Pelo sr. dr. Joaquim Mattos, gerente da Empresa de Agua e Exostos desta cidade, foi feito o seguinte doativo: 6 latas de Banha Paulista com 20 ks. cada uma; 16 pacotes de assucar com 7 1/2 ks. cada um; 40 maços de phosphoros, 2 caixas de sabão, 2 saccos de sal de 50 ks. cada um; 40 ks. de macarrão, 2 scs. de farinha de mandioca, 1 sc. de batatas, 15 ks. de cebolas; dos Irmãos Vecchi, 10 ks. de linguica; da Casa do Soldado, diversos sandwiches, bolos e ovos; Livraria Vallada, 472 scs. varios; alumnas do 4.º Grupo Escolar, 1 cesta de ovos; alumnas da escola mixta rural da Fazenda Aparecida, 45 ovos; da Prefeitura de Brodowski, por intermedio da Legião Brasileira, 3 scs. de arroz e 2 de feijão; do 1.º anno mixto do 6.º Grupo Escolar desta cidade recebemos os seguintes doativos dos respectivos alumnos: Carmem e Transita Santos, 3 restecas de alho; M. Elvira Cartelon, 3 pacotes de macarrão; Antonio Debrino e Moncy Theodoro, 2 c. de phos.; Florida Zeottil, ks. de feijão; Elvira Pereira e Deolinda Paiva, 1 dúzia de ovos; Domingos Roselli e E. Pereira, 1 barra de sabão; Margarida Zanetti, 1 k. de fubá; Elza Cervini e J. Leonardo, 2 pedaços de sabão; João Onés, 1 k. de feijão; lista a cargo de uma alumna dessa classe—Adelina Rodrigues—Regina Vieenco, 2 ovos; Dolores dos Santos, 1/2 k. de arroz; Josephina Lorena, 2 ks. de arroz; Anna Lote, 2 ovos; Adelaide Estrella, 2 ovos; Antonia Fainini, 1/2 k. de arroz; Carmen Santos, 3 ovos; Glida Perstini, 6 ovos; Antonio Varolo, 3 ovos; Zulmira Baffini, 3 ovos; Zulmira Machado, 3 ovos; Adelina Rodrigues, 6 ovos, 1 morango, 1/2 k. de sal e batatas.

Na frente de Mocóca

Recebeu o seu batismo de fogo na zona de operações de Mococa, a Companhia Tenente Cezar, e em que os voluntários de Ribeirão Preto que a constituem demonstraram o seu nunca desmedido ardor cívico.

Nesse combate, sob o commando do valoroso militar conterrâneo Tenente Cezar, os nossos desbarataram o inimigo e lhe apreenderam copioso material bélico, sem soffrerem uma unica perda.

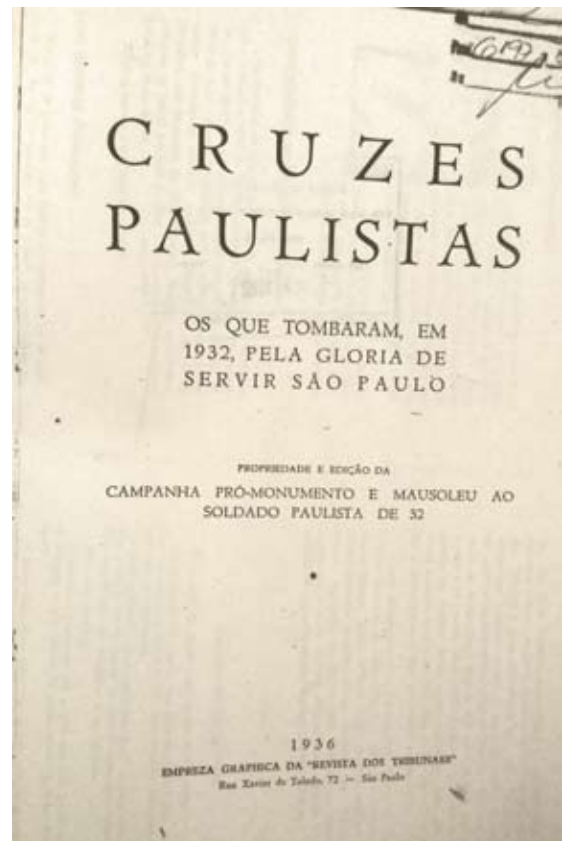
Presentemente os ribeirão-pretanos combatem no setor de Ponto do Ignacinho e Lagoa, onde vêm se assinalando pelo seu alevantado espirito combativo em diversos recontros em que se distinguiram, sem desmerecer o valor dos demais, os bravos rapazes Fabio Bomfim (leiloeiro official), Orlando Salotte, Edesio Oliveira, Alvaro Soares (o popular Curiango) e José Petean. Estes destemidos voluntários, no Sector de Lagoas, conseguiram aprisionar 150 ditadores e grande quantidade de material bélico.

Seriões



Luís Natalício

Os familiares de Luís Natalício apresentaram como prova de sua participação cópia de páginas do livro "Cruzes Paulistas". No livro há uma breve biografia da esmagadora maioria dos que morreram em combate. A Divisão de Acervo Histórico possui, inclusive, um exemplar do referido livro.



Ary Bomeisel

O escoteiro Ary Bomeisel participou da Revolução de 1932 prestando serviços na assistência social, nos postos de abastecimento, como mensageiro da MMDC, nos correios para distribuição de cartas e telegramas às famílias dos soldados combatentes entre 9 de julho e 28 de setembro de 1932, conforme consta no processo 11.146/81.



Fotos

Finalizamos esta seleção dos documentos apresentados para a Comissão da Medalha com fotos enviadas pelos combatentes como prova de participação nos combates.



Deputado estadual José Bustamante – fotos das trincheiras. (2 imagens)



Joaquim Rodrigues Azenha (foto de época com farda da revolução)



Alfredo Lopes – cópia de fotografia da época



Renato de Mello Medeiros (à direita),
voluntário de São Carlos no posto de soldado
do 1º Batalhão 9 de julho

